



2022 © Eliana Rosa Sturza | Memorabilia Store
Título: Crônicas de Lili ~ Entre o Salso e a Divisa
Autora: Eliana Rosa Sturza

Supervisão Editorial: Márcio Grings
Conselho Editorial: Gil Roberto Costa Negreiros e Márcio Grings
Projeto gráfico de capa e miolo: Giovanni Faganello
Ilustração em tela: acervo pessoal
Retrato da autora: acervo pessoal
Fotografia da capa: Chris Lawton
Ícones: FlatIcon (*flaticon.com*)

1ª edição: Março de 2022
Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti
Editoração: Memorabilia Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sturza, Eliana Rosa
Crônicas de Lili : entre o salso e a divisa / Eliana Rosa Sturza. -- Santa Maria, RS :
Grings - Memorabilia e Tours, 2022.
ISBN 978-65-84777-01-9

1. Crônicas brasileiras I. Título.

22-104148

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos autorais pertencem a Eliana Rosa Sturza. Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma, maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua parte ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem autorização legal ou por escrito da autora.

Autora: listurza@gmail.com
Editora: sac.memorabilia@gmail.com
Acervo: memorabiliastore.com.br



Visite nossa loja

CRÔNICAS DE LILI

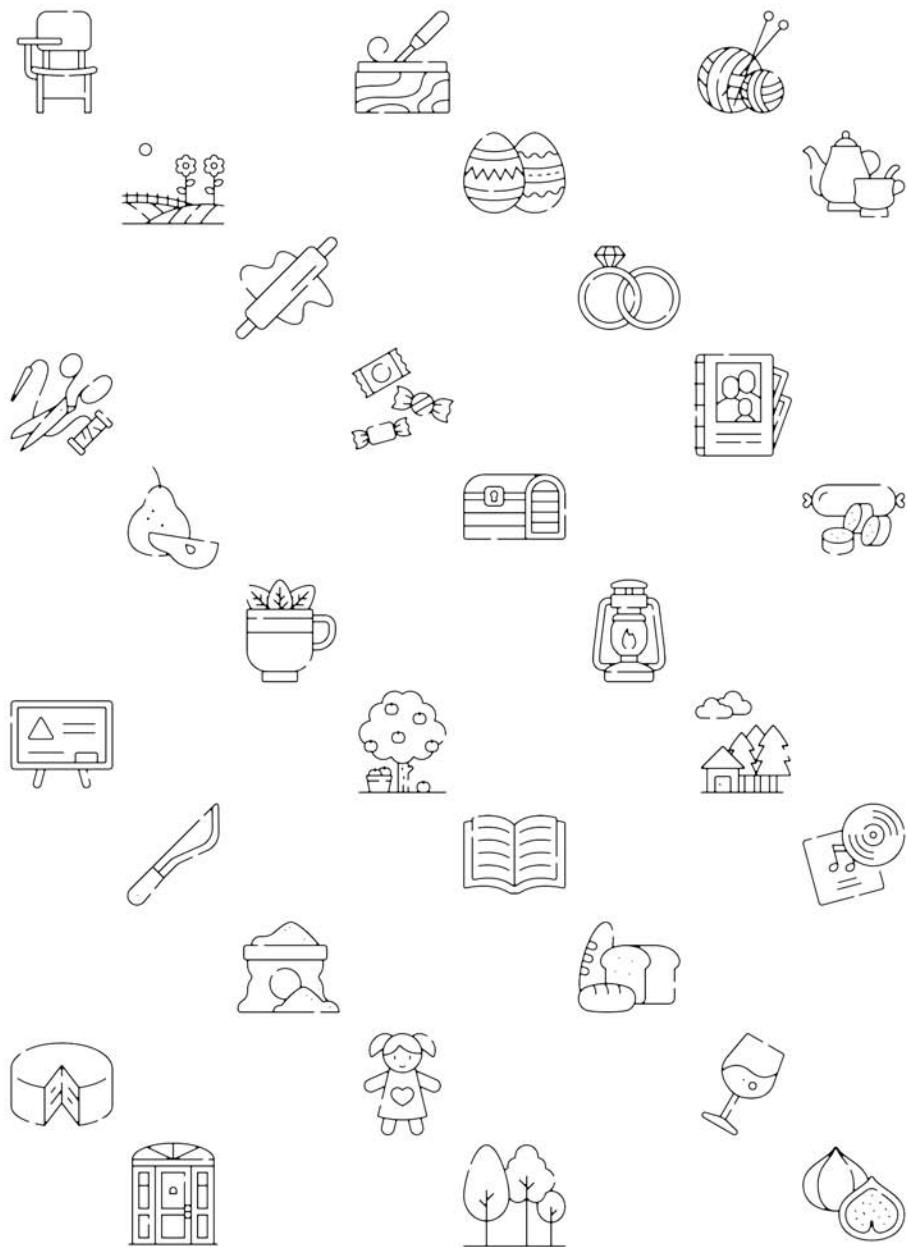
ENTRE O SALSO E A DIVISA





*“Lili era assim, um passarinho liberto na vagareza
que o tempo tomava na minha vida rural.”*

— Eliana Rosa Sturza



SUMÁRIO

Prólogo: Entre o Salso e a Divisa ~~~~~	11
Avós de Julho ~~~~~	17
As Carroças, as Carretas e a Charrete Amarela ~~~~~	25
Vergilino, o Guardião da Infância ~~~~~	35
Lili e os Verbos do Trabalho Feminino ~~~~~	45
A Tapera e a Ladeira ~~~~~	55
Noites de Diversão ~~~~~	63
Sabedorias de um Pai ~~~~~	71
Visitas na Vida Rural ~~~~~	77
As Águas em que nos Banhávamos ~~~~~	85
Esconderijos Secretos e Brincadeiras Singelas ~~~~~	89
Maria Baila um Xote ~~~~~	95
O Dia de Fazer o Pão ~~~~~	99
Fabricações Rurais: Doces de Tacho e Linguças Campeiras ~	103
Dia de Flores, Saudades e Vento ~~~~~	109
Tia Jane, para Sempre a Professora ~~~~~	113
Ovelhas Tosquiadas ~~~~~	119
A Estufa ~~~~~	125
O Cheiro do Doce de Figo ~~~~~	131
Quando a Escola Chegou ~~~~~	135

Sopa de Pera ~~~~~	139
O Tapete de Couro de Vaca ~~~~~	143
Retalhos e Remendos ~~~~~	147
A Despensa ~~~~~	151
Tradições da Páscoa ~~~~~	157
O Quarto dos Guris ~~~~~	163
O Tempo e as Canções ~~~~~	169
Os Segredos dos Baús ~~~~~	173
As Matriarcas ~~~~~	179
Chá de Cidreira ~~~~~	185
O Sapato Vermelho de Verniz ~~~~~	191
Nas Ondas do Rádio ~~~~~	197
Ela se Autodeclarou Ovelha Negra ~~~~~	203
A Paixão da Minha Mãe ~~~~~	209
Bordados da Vida ~~~~~	213
Os Chás da Tia Maria ~~~~~	219
Tia Betty e Todos os Cuidados que nos Faziam Falta ~~~~~	225
Comida com Afeto, Coisas de Mãe ~~~~~	229
Gosto de Pitanga ~~~~~	235
A Grande Mudança ~~~~~	239



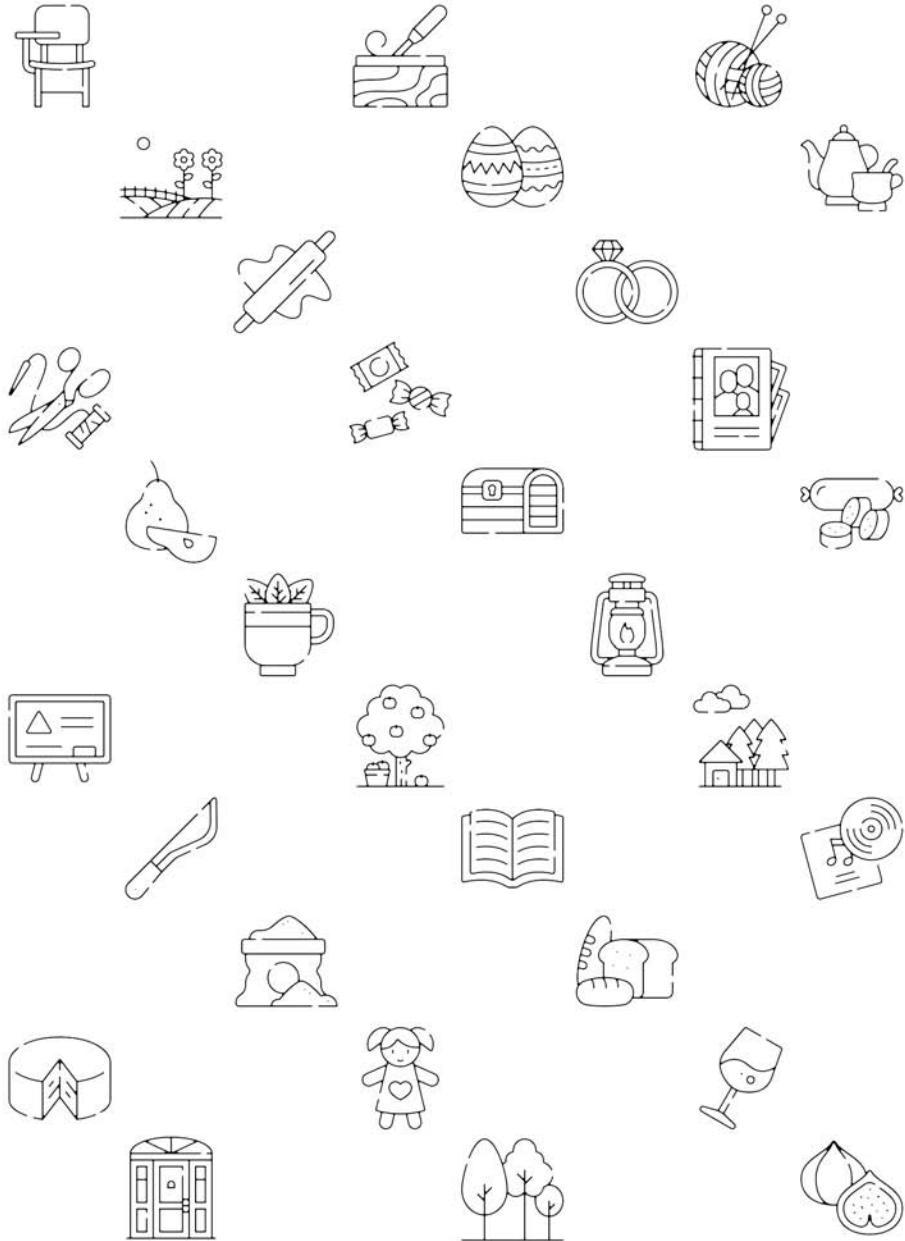
PRÓLOGO: ENTRE O SALSO E A DIVISA



Lili é meu codinome. Fui inventada logo depois de nascer. Meu tio Ruco me chamava assim, simplesmente Lili. Dizia ele que era por eu ser tão miúda e graciosa. Desde então, sempre me identifiquei como Lili. Só me cabia, ao longo dos primeiros anos da infância, ir me recompondo dos sustos que minha mãe me dava cada vez que me chamava pelo meu nome de batismo e registro. Ao me chamar pelo nome que escolheu para mim, ela me colocava sempre em estado de alerta, porque eu existia mesmo era como Lili. Estes foram tempos em que minha identidade esteve toda moldada pela existência da pequena Lili, um pouco real outro pouco inventada.

Aos seis anos e meio fui para escola, longe do largo mundo livre da casa em que mais habitei, a casa da minha vó Cinda. Fui morar com meu tio que inventou meu apelido de infância, ele era o elo que permanecia nesta minha passagem do mundo rural para o mundo urbano. A escola era destino certo para minha vida futura, foi o que decidiu minha mãe sem nenhuma dúvida a respeito do que almejava para mim.

No primeiro dia de aula fui levada ao Grupo Escolar Borges do Canto pelos meus tios, que haviam me acolhido nesta minha pri-



meira grande jornada longe de casa. Nos primeiros dias na escola me senti deslocada, embora já houvesse experimentado a arte da escrita e por estar familiarizada com a ideia da alfabetização.

Na casa da fazenda eu havia começado a rabiscar curvas e retas à lápis nas folhas de um caderno velho para aprender a escrever as letras do alfabeto. Neste exercício, eu ia aprendendo que cada letra ganhava uma combinação particular que formava palavras e significados. Minha vó Cinda, enquanto fazia seu crochê, especialmente nas tardes de inverno, me desvendava o mundo da palavra através do rótulo das linhas Cléa.

Para cada letra do rótulo, o desafio era fazer uma correspondência com as iniciais dos nomes das pessoas da família e, daí pra frente, outras tantas palavras foram sendo aprendidas, foi assim que iniciou meu processo de escrever o mundo. Não fui ao jardim de infância, mas cheguei à escola determinada a conhecer muito mais do mundo das letras, que minha avó apenas havia me estimulado como uma pitada de possibilidades, despertando em mim o gosto pela escrita e povoando-me de sonhos.

A escola foi meu passo de chegada à consciência da outra identidade, a do registro civil. Na primeira vez que a professora fez a chamada, me senti ausente, olhei para as fileiras de colegas ao meu lado e notei que só eu não respondia a presença em sala de aula. Lá pelas tantas meu mundo de Lili ouvia ecos da voz da minha mãe me chamando pelo meu nome real, afinal era a única da família que não me chamava pelo apelido de Lili. Por que diabos ela iria me chamar por este codinome se havia escolhido meu nome inspirado nas novelas de rádio, se havia escolhido meu nome para

lembrar a protagonista do Direito de Nascer? E, dizem que também por causa de uma certa artista, cantora de rádio, que tocava acordeom. A escola, por fim, me definiu entre o nome e o codinome. Porém, todos meus maiores afetos estão guardados fortemente na memória do meu codinome.

Anos depois, já na faculdade de Letras, ganhei um livro de uma tia que morava em Porto Alegre. Impossível não prever este destino anunciado pela pedagogia do crochê da minha avó, porque era quase certo, aquele rótulo foi um oráculo prevendo meu futuro. O livro que ganhei estava autografado pelo Mário Quintana, pois minha tia disse a ele que era um presente para uma Lili. Então o poeta escreveu: “Para uma Lili que possa inventar um mundo”. Eis que agora tomei coragem de escrever sobre as memórias vividas pela Lili inventada, e sobre tantas outras memórias daquele nome de batismo que a vida adulta me restituiu como identidade.

Iniciei a escrita dos textos em um blog durante a Pandemia. Agora as crônicas que escrevi ao longo de quase dois anos ganham a materialidade do livro, meu mundo vivido no campo, entre o Salso e a Divisa.

As memórias narradas aqui me possibilitaram atravessar os tempos de isolamento. E as dedico à minha mãe, que se foi quando fechei os textos do blog para transportá-los à versão impressa.

Eliana Rosa Sturza

Verão de 2022



CRÔNICAS DE LILI

— ✦ —
ENTRE O SALSO E A DIVISA

Eliana Rosa Sturza

Mais de uma década depois, do outro lado do arroio que circundava e dividia as terras de cá com as terras do campo de lá, outra família fazia morada. O arroio da Divisa corria entre os dois campos, margeado por vastas várzeas alagadas, separando as terras de proprietários latifundiários, como as herdadas pelo meu avô Alberto, nascidos em famílias que tinham grandes extensões de campo desde o período do Império, daquelas cedidas pelo governo para ocupação de imigrantes austríacos e alemães, na margem direita do arroio da Divisa já na altura do arroio do Salso.

Meu avô paterno herdou sua chácara dos pais imigrantes austríacos, que receberam uns hectares de terras devolutas do Império na virada do século XX. Eles vieram em uma leva de imigrantes que já haviam estado em terras uruguaias, e faziam sua segunda migração para se instalarem e produzirem na região oeste da zona rural do município. As terras da chácara do meu avô paterno foram requeridas depois da morte do meu bisavô, pois até aquele momento não tinham o título de posse. Meus avós maternos e paternos eram lindeiros, suas terras circundavam um lado e outro bem onde se encontravam os dois arroios: o da Divisa e o do Salso.

Exatamente nessas imediações do arroio do Salso é que se instalaram os avós do meu pai, ambos nascidos na Áustria. Minha bisavó era uma mulher muito doente, acamada, fraca e já quase parálitica por causa do Lúpus. Meu bisavô era carpinteiro, trabalhava construindo instrumentos agrários para pequenos agricultores da região e fazia outros trabalhos de carpintaria, mas bebia muito e não tinha condições de cuidar da vó Carolina. Então, pouco tempo depois de casado, meu avó João veio, com sua família recém-forma-

da, morar mais perto do casal.

Minha vó Xiruca, apelido que Lili achava grande e feio demais para ser carregado por uma mulher tão delicada e mansa, chegou com meu avô e seus dois filhos, os primeiros dos dezessete filhos que viria a ter até os quarenta dois anos. Levou metade da vida tendo filhos. Casou-se muito jovem, pois seu pai ficou viúvo muito cedo e tratou de criá-las, elas e as irmãs, até que pudessem arrumar um casamento para ter um destino na vida. Uma das tarefas assumidas pela minha vó no casamento foi a de ajudar a cuidar da sogra, além de criar os filhos que nasciam a cada ano.

Quando menina, durante o verão, eu passava uns dias de férias com eles e gostava de ter tantas tias que não eram assim tão mais velhas que eu. A diferença de idade entre as minhas tias mais jovens e eu era relativamente pequena. Minha madrinha Cristina estava entre as mais velhas, ela me mimava muito e foi, com certeza, mais uma das mulheres que me marcaram. No caso dela, pelo trágico fim que deu à sua vida, quando eu tinha dez anos. Nunca se soube o motivo.

Eu rodopiava bailando na grande e impecável sala da casa da minha vó Xiruca, naquela casa simples de madeira, com muitos quartos, onde o rádio era ligado sempre no horário perto do meio-dia e no final da tarde. Era o horário que marcava o início do programa em que tocavam só músicas gauchescas. Minha vó foi atribuindo responsabilidades domésticas às filhas a medida que elas cresciam, faxinar a casa, arrumar as camas, lavar roupas, manter a lenha queimando constantemente no fogão, cuidar do preparo da comida para aquela grande família. E ainda lhe sobrava tempo para

costurar, consertar roupas, fazer pão e doces.

Mas eu praticamente morava mesmo era com minha vó Cinda. Quando nasci ela já era viúva, pois meu vô Alberto morreu no mesmo ano que minha bisavó Lídia, mulher longeva para aquela época, morreu aos 98 anos. Eu dormia em uma cama de ferro ao lado da vó e, durante o horário da sesta, dormia nos seus braços. Embora apertadas naquela cama de solteiro, o aconchego amoroso daquele momento era único. A dormida da tarde só acontecia depois dela alimentar todos os bichos domésticos. Era normal ver um bando de galinhas recolhidas aos seus pés em busca de milho.

Vó Cinda era uma mulher alta, ou parecia alta para uma guria de cinco anos. Usava vestidos de estampas sóbrias, saias escuras e blusas claras e discretas, condizentes com seu estado de viuvez. E no cabelo sempre uma travessa de plástico marrom ou preta fazendo uma onda sobre o alto da cabeça, um modo de ajeitar o cabelo liso e curto. Quando se abriam as portas do seu guarda-roupa, as roupas e os objetos exalam um perfume delicado de talco. Depois do banho dava para sentir o cheiro de longe e se notava ainda mais porque o pó branco se espalhava pelo seu colo.

Ela era inquieta nos afazeres cotidianos: providenciar a comida, cuidar dos bichos, da horta e do jardim, costurar, fazer crochê, e toda sexta-feira fazer pão com ajuda da minha mãe. Assava-se tudo que coubesse no imenso forno, localizado nos fundos da casa e que tinha sua própria cobertura e varanda, a chamada Casa do Forno. Fazia-se assados de porco e galinha, torrava-se amendoim quando o calor diminuía e também se assavam batatas doce para acompanhar as carnes nas refeições.

Cuidava-se de abastecer a casa com pães para quase toda a semana. No dia do pão, minha mãe também fazia pãezinhos especiais para as crianças no formato de bichinhos, ornamentados com olhos de feijão. E se faziam outras massas e pães: bolachas, roscas, o pão de ló torrado e o pão de milho, esse era um pão com um formato que eu sempre associava às bostas das vacas e, de fato, eles eram como uma plasta* feita de farinha de milho, como se fossem doses generosas de polenta atiradas na forma. Eles costumavam durar mais e, em geral, acompanhavam o café dos empregados, carregado em uma grande bandeja de madeira até o galpão. Nos fins de semana esperava-se pelas visitas de alguns parentes, era por esta razão que se abasteciam as latas de bolachas e os potes de vidros com doces. Na dispensa, sobre uma pequena mesa, repousavam gamelas de madeira repletas de carnes assadas e formas com batatas.

No jardim, o velho pé de camélia de flores rosadas e matizadas, de uma espécie em que os botões, quando abriam, dobravam-se em pétalas sobrepostas, tinha um lugar majestoso logo na entrada do portão. Em volta do pé alguns lírios, cravinas e umas violetas. As rosas eram as mais cuidadas e vigiadas pela minha vó. Todo ano tinham novas flores coloridas que ocupavam os canteiros feitos com bordas de tijolos de formatos variados: redondos, quadrados, retangulares.

O jardim podia ser visto e apreciado da janela grande da peça mais longa da casa, a que integrava a sala de jantar com uma sala



* Qualquer matéria branda, moldável (RS).

de estar, que chamávamos de varanda. Ali, bem em frente à janela, estava um pé de jasmim. Durante à noite, ele enchia o ar com seu perfume e parecia cheirar mais adocicado com o sereno que umedecia as flores brancas, iluminadas pela lua cheia que se levantava entre os eucaliptos, gigantesca para altura de onde Lili via o mundo.

Minha vó Xiruca usava roupas simples, pouco coloridas, o que parecia ser a regra das mulheres casadas da época. Usava vestidos com botões e bolsos. Os longos cabelos, que só se viam soltos após o banho, eram presos por um pente de alumínio com dois dentes. Eles eram usados para segurar o seu cabelo depois de enrolado e finalizado na forma de um coque. Sempre a via assim, tinha poucas falas, um silêncio de resignação e uma delicadeza na acolhida regada por doces de calda, servidos generosamente em um prato de porcelana.

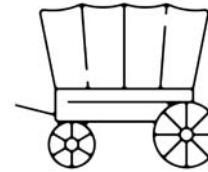
O jardim da casa da vó Xiruca era uma combinação de capricho e detalhes. No lado de fora da porta de entrada, que dava diretamente em uma sala espaçosa, havia uma trepadeira que fazia o contorno do marco da porta, eram flores em cachos generosos chamadas lágrima de Cristo. Mais adiante havia, quase no meio do jardim, um pé de brinco de princesa. Lili colhia as flores e as fazia de brincos de verdade.

Era um jardim de terra batida, sem lajotas, sem calçadas, com muitas dalias e um pé de camélia robusto localizado próximo do cercado que foi erguido para proteger o jardim da invasão dos patos, porcos e galinhas que andavam pelas redondezas. O jardim era varrido diariamente pelas minhas tias, o que dava a ele um ar de capricho e cuidado.

Lili andava pelos jardins espiando ou acompanhando os

tantos afazeres das avós, mulheres que viviam entre os cuidados da casa, o que incluía pátios e jardins, a comida e a criação dos filhos, enquanto lidavam com os rompantes dos maridos e os brutos silêncios que eles travavam ao se recolherem nos seus assuntos de homens. Delas, fui aprendendo a ter o gosto pelo cultivo das flores e por fazer doces e pães, às vezes, também usar o cabelo preso com um coque ou presos por uma simples travessa. Duas avós nascidas no mês de julho, duas forças nos tempos de menina de Lili.

AS CARROÇAS, AS CARRETAS E A CHARRETE AMARELA



A especialidade do meu bisavô paterno Antônio era fazer trabalhos de carpintaria. As encomendas da vizinhança incluía fabricar carroças, carretas, carro de mão e instrumentos para lida no campo, em especial, aqueles que auxiliavam no

cuidado diário com os animais ou para o uso nas lavouras.

As carretas eram especiais, porque exigiam uma feitura complexa, requeriam uma inteligência de engenheiro e habilidade de um artesão. Feitas de madeiras rústicas e resistentes, demandavam um trabalho bastante artesanal na sua montagem, praticamente toda a engrenagem era trabalhada em madeira bruta e de pouco polimento, embora mostrassem o esforço do artesão e a sofisticação de uma mente inquieta que criava e fabricava um veículo. Depois de prontas, elas serviam para carregar as colheitas, além de meio de transporte para muita gente que vivia naquelas bandas.

Não faz muitos anos meu pai recuperou uma carreta fabricada pelo meu bisavô Antônio. Corroída pelos seus mais de sessenta anos, sobram as rodas, perfeitamente conservadas, com raios simétricos, envolvidas por madeira vergada, amarrada por uma cinta de ferro que as fixam, o que certamente as protegeu do desgaste desses longos anos de vida e das tantas cargas transportadas. Carro-